

Paulo-Roberto Andel

Onde estava o dinheiro?

Ok, tá todo mundo duro. E não é de hoje. Dia desses mesmo, eu fiquei conversando com meu amigo Marco Antônio no rodízio de massas, para tentar entender como que a gente conseguia fazer tanta coisa na adolescência com pouco ou nenhum dinheiro.

Éramos literalmente duros, mas a gente acampava quase todo mês, jogava bola toda semana com a quadra paga no Corpo de Bombeiros da Xavier da Silveira. Aos sábados, sempre lanchávamos no Supermercado Leão. Um ficava admirando o sanduíche do outro. Isso quando não passávamos pelo Bob's, McDonald's e o fabuloso Gordon, que merece um livro inteiro. Estávamos sempre no Maracanã também. Quarta e domingo. De quebra ainda tinha um ou outro show de artistas nacionais e estrangeiros.

Gente, de onde é que vinha todo aquele dinheiro? A gente mal ganhava mesada, eu não consigo me lembrar direito dessa relação de grana na primeira metade da década de 1980. E olha que a gente vivia tempos de uma inflação enlouquecida, às vezes batia coisas de 50, 60 e até 70% ao mês, um negócio enlouquecedor, você nem sabia mais como é que se escrevia o nome da moeda e nós vivíamos bem, dentro do possível.

Como é que a gente fazia ao certo eu não sei dizer, mas realmente dava tudo certo e não tinha lá grandes preocupações. Uma vida modesta, usando ao máximo a praia de Copacabana como área de lazer, esporte e paradigma de vida. E, claro, sem boletos. Meu pai me dava um trocadinho, eu vendia botão, figurinha, revistinha, qualquer coisa que pudesse.

A única conta que sempre

dava certo era a dos acampamentos escoteiros. Ninguém deixava de ir, ninguém. O dinheiro arrecadado era dividido para todos. Foi uma grande experiência de vida. Até hoje sigo o grupo no Facebook e fico lembrando de uma época maravilhosa da minha vida. Os anos 1980 eram o caos, mas eu vivia bem.

Então damos um salto no tempo e avançamos 40 anos.

Claro que o Brasil passou por uma crise absoluta e só mais recentemente conseguiu se recuperar de um massacre econômico. Mas, sinceramente, as coisas estão caras, caras demais. Um show é praticamente inviável em termos de preço. Aquele Maracanã baratinho há muitos anos desapareceu. Hoje é uma fortuna. Um lanche, um simples lanche pode começar custando R\$ 40 num fast food ou num lugar um pouquinho mais arrumado. O prato de comida a quilo também, dificilmente você vai gastar menos de 35 pilas por refeição. É dinheiro demais.

Às vezes fico pensando que ser um garoto nos dias de hoje, um adolescente, seria infinitamente mais difícil, mesmo não tendo aquela inflação maluca do passado. Como ia fazer para poder ter hoje aos 13 anos a vida que eu tinha 40 anos atrás? Impossível. Sempre houve exclusão, mas atualmente parece cada vez mais grave por conta da questão econômica.

Bem sabemos que o desemprego diminuiu consideravelmente nos últimos anos, mas às custas de um trabalho precarizado e com renda bastante limitada, o que acaba impedindo as pessoas de ter uma vida realmente digna: apenas sobrevivem. É injusto demais. Todos mundo merece um pouco de felicidade, mesmo na pobreza.

Ator, diretor e professor Cláudio Handrey é o novo crítico teatral do Correio da Manhã



Divulgação

Cláudio Handrey: *'Brecht define bem o teatro em que acredito, onde o público deixa se ser espectador passivo'*

Um novo olhar para o palco

Com a chegada de um nome de peso ao time de colaboradores do Correio da Manhã, é a cena teatral carioca que sai ganhando. A partir desta semana, o #CM2 terá Cláudio Handrey como seu novo crítico teatral. Com trajetória no teatro, cinema e televisão, o ator, diretor e professor guiará nossos leitores pelas nuances dos diversos espetáculos encenados nos palcos da cidade.

Para Handrey, o teatro é um espelho amplificado da condição humana. "O teatro, pra mim, é uma lente de aumento, em que tudo deve ser grandiloquente, para que possamos olhar e detectar mais atentamente nossas fraquezas, doenças, idiossincrasias, conflitos em geral", explica. Essa visão se alinha à de Bertolt Brecht, onde o público é convidado a uma participação ativa e reflexiva. "A partir do bom teatro, do bom entendimento de suas metáforas em linguagens diversificadas, conseguimos refletir e construir uma análise crítica de nós mesmos e da sociedade em geral. Brecht define bem o teatro que acredito, onde o público deixa de ser um espectador passivo para se tornar ativo, analisando criteriosamente as situações reveladas no espetáculo teatral", detalha.

Uma de suas paixões mais marcantes é a obra de Nelson Rodrigues. "Nelson me chamou atenção, desde muito jovem. Me deparei com as 17 peças e suas inúmeras crônicas e contos ainda na escola de teatro. Devorei o máximo daquele gênio e fui descobrindo, com extrema felicidade, que estava diante do maior dramaturgo brasileiro", recorda. Essa admiração culminou em seu TCC sobre o humor na obra rodrigueana.

Há uma década, ele ministra oficinas sobre o autor. "É impressionante como toda aquela escrita peculiar do dramaturgo vai transformando jovens atores, que vão – através daquela carpintaria exemplar – encontrando teatralidade. Tensão, ritmo, frases que terminam em preposições, personagens adocicados, em que o escritor transpõe a tragédia grega para a sociedade carioca do século XX", descreve.

Na visão de Handrey, o humor e o patético na tragédia rodrigueana são o que o mantêm apaixonado pelo universo do autor, que ele coloca na mesma galeria de dramaturgos como William Shakespeare, August Strindberg, Luigi Pirandello e Eugene O'Neill. "O seu teatro 'desagradável' continua atual por-

que suas palavras levam ao choque, à censura, à crítica, às vaias, ao repúdio social, ao exibirem olhar irônico e satírico sobre uma sociedade em transformação", conclui.

Handrey trilhou seus primeiros passos nas artes cênicas tendo Antunes Filho como diretor na Cia Lanavevá de Teatro. Como diretor, destacou-se com as premiadas "Draculinha" e "Porcos com Asas". Montou adaptações de Nelson Rodrigues como "Perdoa-me Por Me Traíres" e "A Vida Como Ela É", e sucessos como "Surto", que ficou nove anos em cartaz.

Nos palcos, atuou em montagens como "A Megera Domada" sob a direção de Miguel Falabella, e "Tio Vânia". No audiovisual, participou de novelas como "Anjo Mau" (Globo) e "Vidas em Jogo" (Record), além de séries para a Netflix. No cinema, atuou em nove longas, incluindo "O Enfermeiro" com Paulo Autran.

A cada sexta-feira, em nossa edição especial de fim de semana, Cláudio Handrey brindará os leitores do Correio com sua análise sobre o que de mais relevante encontramos na cena teatral da cidade, uma cena rica e diversa como a arte deve ser. Viva o teatro!